

Cortiço, mídia e imaginário popular¹

Luana de Paula REIS²

Graduanda

Sophia Lyrio HERMANNY³

Graduanda

Marialva BARBOSA⁴

Doutora

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo tem o objetivo de identificar como os cortiços foram retratados pela mídia impressa brasileira entre os anos de 1903 e 1905. Para isso, analisamos, por meio de ferramentas de busca, todas as edições publicadas nesse período de três jornais: *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brasil*, totalizando 3.302. A partir desse material empírico, consultados no site da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, refletimos sobre o impacto da construção de uma imagem dominante da população marginalizada carioca, capaz de produzir estigmas e preconceitos vigentes até a hoje.

Palavras-chave: Historiografia da Mídia; Cortiço; Mídia; Representação; Estigma.

Introdução

O cortiço é, além de uma habitação popular, o local onde residia a população mais pobre do Rio de Janeiro, no início do século XX. Submetida à situação de miséria, herança da escravidão, na maior parte dos casos, a distinção social entre os “cidadãos” e essa população fez-se nítida no recorte temporal adotado para nossa pesquisa. A partir de uma visão que coloca o cortiço como um lugar real e simbólico, analisamos como a imprensa, atuando como agente histórico no processo de produção e manutenção de memórias, construiu um retrato estigmatizado dos moradores dessas habitações no imaginário popular. Para isso, foram analisadas ocorrências da palavra “cortiço” nas edições de 1903 a 1905 dos três maiores jornais da capital na época: *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*.⁵

¹ Trabalho apresentado no GT Historiografia da Mídia, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, e concorrente ao 6º Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia.

² Graduanda do curso de Jornalismo, segundo período, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: luanadepaulareis@outlook.com.

³ Graduanda do curso de Jornalismo, segundo período, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: sophia.hermannny@discente.eco.ufrj.br.

⁴ Professora Titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: marialva153@gmail.com.

⁵ O *Jornal do Brasil* construía uma imagem de um jornalismo mais próximo da população, fazendo uso de muitas imagens nas suas edições e vendendo os exemplares avulsos a preços mais acessíveis (100 réis, o que correspondia ao valor da passagem de bonde). O jornal também abria espaços para as reclamações dos leitores, constituindo-se como intermediário

Tendo em vista que a produção de notícias não ocorre de modo aleatório, buscamos, analisando o contexto sócio-político em que os veículos de imprensa se desenvolviam, entender os motivos que levaram às representações midiáticas do cortiço, tal qual foram percebidas. Para isso, tentamos compreender o público dos jornais, quem produzia as notícias, qual posicionamento de cada órgão de imprensa frente ao poder público e quais ideais eram por eles reproduzidos. A partir desse material, refletimos sobre o impacto da construção de uma imagem dominante da população marginalizada carioca, capaz de produzir estigmas (GOFFMAN, 1975) e preconceitos.

Percebemos que os jornais entre 1903 e 1905 reproduzem prioritariamente o discurso jurídico e médico higienista. O acelerado processo de urbanização na cidade do Rio de Janeiro demandou a interferência do poder público de forma a amenizar o que consideravam caos social e local de disseminação de doenças. No entanto, esse conjunto de obras públicas excluiu do centro urbano a população mais pobre, afastando-a para longe dos olhares, promovendo sua invisibilidade. Os habitantes de casas de cômodos, estalagens e os cortiços não foram contemplados pelas reformas e foram expulsos da região central da cidade. A exclusão de parte da população e a maneira severa como essas medidas foram postas em prática fizeram com que muitos cidadãos não aprovassem as reformas no Rio de Janeiro. Porém, os principais periódicos que circulavam naquela época corroboravam com o discurso do poder público. Dentre eles, o *Jornal do Brasil*, o *Correio da Manhã* e a *Gazeta de Notícias*.

Em seu artigo de apresentação, a nova direção do periódico afirmava seu propósito de ‘assegurar aos poderes públicos seu apoio, sempre que [necessário] para sustentar a autoridade legal’. Declarava ainda que as autoridades teriam no jornal uma sentinela vigilante e um adversário enérgico dos que corrompessem as leis. Do antigo matutino restava portanto apenas o título. [...] o *Jornal do Brasil*, [...] se manteve voltado para o noticiário popular, embora jamais encampasse as lutas populares que contivessem qualquer tipo de ameaça à ordem constituída (FERREIRA, MONTALVÃO apud ABREU, 2002, n.p.).

Como resultado de pesquisa, observamos que os cortiços são pouco mencionados nos jornais e, quando aparecem, estão majoritariamente associados a aspectos negativos. Ao analisarmos as menções à palavra “cortiço” nas edições publicadas do *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias*, entre 1903 e 1905, verificamos que os cortiços

possível entre o poder e o restante da população, buscando atingir o leitor de menor grau de instrução e menor poder aquisitivo. O *Correio da Manhã*, nesse período, também procurava ter uma abordagem popular e maior alcance nas classes mais baixas. A *Gazeta de Notícias* estava passando por modernizações, se colocando como um periódico jovem e moderno, além de referendar sempre sua “liberdade” diante de facções e grupos políticos, o que na prática não ocorria (BARBOSA, 2007).

aparecem apenas na seção “Queixas do Povo”,⁶ do *Jornal do Brasil*, relacionados às manchetes de surto da peste bubônica no Rio de Janeiro e também como palco de crimes violentos. A pesquisa não foi capaz de encontrar nenhuma notícia na qual se destacassem aspectos positivos de um cortiço. Os lugares sempre são descritos como sujos e bagunçados, além de abrigos de “imoralidades” e baderna. No *Correio da Manhã*, entretanto, foram notadas duas menções referentes ao cortiço em contextos culturais, inserido em propagandas de peças de teatro. No caso do *Jornal do Brasil*, foram encontradas 18 citações relacionando o cortiço a elementos culturais. Na *Gazeta de Notícias*, foram 5 menções percebidas em crônicas, anúncios e colunas, ainda que, mesmo nessas representações, os preconceitos continuassem sendo reproduzidos.

O Rio de Janeiro no início do século XX

No início do século XX, o Rio de Janeiro era a principal e maior cidade do país. Os constantes fluxos migratórios e imigratórios favoreceram um intenso processo de urbanização, que demandava uma reestruturação espacial daquele que era considerado o cartão postal do país (MOTTA apud ABREU, 2002, n.p.).

A cidade enfrentava sérios problemas sociais. Fruto de uma urbanização acelerada e sem planejamento, o centro do Rio de Janeiro tinha ruas apertadas, sujas e mal iluminadas. As condições de saneamento básico eram precárias. O Rio enfrentou epidemias de doenças como febre amarela e peste bubônica. A população de baixo poder aquisitivo morava de aluguel em grandes habitações, precárias e coletivas, os cortiços, sob péssimas condições de higiene.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco (AZEVEDO, 1890, p. 14).

Incentivado pelo presidente Rodrigues Alves, o prefeito Pereira Passos deu início a uma série de reformas urbanas, em 1903, inspirado nas cidades europeias, com o objetivo de melhorar o saneamento e promover a modernização do Rio. Para os higienistas da época, era

⁶ “Queixas do Povo” era uma seção do *Jornal do Brasil*, que publicava reclamações da população do Rio de Janeiro. O periódico era conhecido como o “popularíssimo”. “O *Jornal do Brasil* é assim, [...] popular por excelência e do agrado desse povo que quotidianamente lhe dá provas de simpatia e incentivo à manifestação do seu programa” (*Jornal do Brasil*, 15 nov. 1902, p. 2).

necessário alargar as ruas para melhor aproveitar a luz do sol e os ventos, mudar os costumes e demolir as habitações populares coletivas. A chamada Reforma Pereira Passos foi um marco na urbanização carioca, com uma verdadeira reconstrução do centro da cidade. Mas nem todos foram incluídos nessa modernização. Centenas de cortiços, vistos como lugares de proliferação de doenças, foram demolidos, por motivos de higiene ou para dar espaço para ruas mais largas e arejadas.

Sanear, higienizar, ordenar, demolir, civilizar, foram também as palavras de ordem do prefeito Pereira Passos. Por isso mesmo, cortiços, casas de cômodos, estalagens, velhos casarões, passaram a ser os alvos preferenciais da reforma urbanística que empreendeu ao longo de seu mandato. [...] São conflitantes as informações sobre o número de construções demolidas para dar passagem à nova avenida, variando entre setecentas e três mil. Ao atuar sobre velhas freguesias e distritos centrais, esse conjunto de intervenções urbanísticas resultou na destruição de quarteirões inteiros de hospedagens, cortiços, casas de cômodos e estalagens, além de armazéns e trapiches de áreas junto ao mar [...] a operação “bota-abaixo” ficou marcada pela maneira autoritária com que lidou com as milhares de pessoas prejudicadas pela perda de suas moradias e negócios (MOTTA apud ABREU, 2002, n.p.).

Por causa das demolições, o prefeito ficou popularmente conhecido como “bota-abaixo”. Os moradores de cortiços e estalagens foram obrigados a realocarem-se em lugares distantes dos centros e, conseqüentemente, de seus trabalhos. A partir desse cenário, foi iniciado o processo de favelização no Rio de Janeiro, uma vez que essa população viu na ocupação dos morros uma alternativa para a exclusão que lhes foi imposta. Nessa perspectiva e dentro do período definido nesta pesquisa, Romulo Costa Mattos (2008, p. 163) analisa a contribuição da imprensa “para a formação de uma memória social de acordo com a qual as favelas seriam, por excelência, territórios das ‘classes perigosas’ na cidade do Rio de Janeiro”. A formação da memória social sobre as favelas ocorre de modo análogo, quase como uma herança da memória social construída sobre os cortiços.

Para a resolução da questão de moradia, uma comissão foi nomeada prometendo realocar aqueles que haviam sido desabrigados. Essa decisão foi resultado da pressão por parte dos periódicos contrários aos governantes, além de denúncias realizadas por Everardo Adolpho Backheuser, engenheiro que acreditava na substituição espontânea dos cortiços pelas vilas operárias, consideradas a melhor opção de habitação coletiva.⁷

⁷ Para mais informações, ver O “BOTA-ABAIXO”: as críticas e os críticos. Disponível em: <http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/66-o-rio-de-janeiro-como-distrito-federal-vitrine-cartao-postal-e-palco-da-politica-nacional/2914-o-bota-abaixo-as-criticas-e-os-criticos>. Acesso em: 3 jan. 2021.

Os cortiços na imprensa

Novas tecnologias entram em cena e mudam o cotidiano da cidade [...]. As transformações dos jornais diários numa cidade também em mudança dão a senha para o ingresso em um mundo marcado por mudanças de natureza tecnológica (BARBOSA, 2007, p. 18)

O Rio de Janeiro e seus periódicos passavam por muitas transformações urbano-tecnológicas, que impactaram toda a sociedade. Do ponto de vista editorial, houve a desvalorização dos artigos de opinião em favor de textos com caráter de imparcialidade, tendo como foco as notícias do cotidiano. Criaram-se colunas fixas de informação e de opinião, de forma a separar o fato do comentário, diferenciando as duas abordagens. Novas máquinas, como o telégrafo, permitiam aos veículos expandir o seu alcance e a sua capacidade de obter informações. Porém, nem todas as pessoas fizeram parte dessas modernizações. Os grupos populares estavam apartados desse novo mundo.

Os periódicos passaram a se comportar como empresas jornalísticas, “grandes fábricas de notícias” (BARBOSA, 1997). Assim, incorporaram diversas inovações tecnológicas, editoriais e redacionais para atender à demanda de mercado e atingir os leitores. Cabe analisar, nesse contexto, quem eram os indivíduos por trás das manchetes para que possamos entender o poder atribuído a esses difusores de informação. Os dirigentes costumavam ser herdeiros dos maiores grupos agrários do Brasil imperial, ou filhos das classes mais abastadas da sociedade. Já os repórteres eram, majoritariamente, estudantes universitários, literatos e/ou aqueles que almejavam cargos políticos.

Para portadores do privilégio de classe e letramento, o resultado não poderia ser diferente: prestígio. Prestígio esse que os garantia numa posição importante, já que eram responsáveis por moldar o rosto da cidade. Criavam e propagavam conceitos, assim como difundiam normas e comportamentos. Como destaca Barbosa (1997, p. 91), “[...] crescendo emparelhado com o processo de mercantilização da cidade, o jornalista invadiu, impassível, territórios até então intocados e zelosamente defendidos. Passando a ditar modas e hábitos, chega a desafiar a Igreja na disputa pelo controle das consciências”.

Nesse contexto de culto à modernidade, os cortiços passam a ser, cada vez mais, símbolo de um tempo que deveria ficar definitivamente para trás, identificado com o atraso. Essa exclusão se dava a nível simbólico, ou seja, na percepção de que esses lugares eram a materialização de um tempo tido como morto que devia ser ultrapassado, mas também nas ações reais do poder público. Com as demolições das reformas urbanas, os cortiços foram

apagados da paisagem da cidade, num cenário em que o apagamento da memória sobre eles também era desejado.

Os jornais mais importantes da cidade corroboram com a ideia de que essas habitações significavam o atraso. Como representantes do ideal de modernidade da sociedade e, amplificando os discursos dominantes da sociedade – o jurídico e o sanitário-higienista –, os periódicos fazem coro à necessidade de demolição dos cortiços. Isso explica o fato de, mesmo sendo “jornais populares” e “defensores do povo”, como faziam questão de referendar em suas páginas, os periódicos não fazem qualquer movimento de defesa dessas habitações populares. Os cortiços são pouco mencionados em suas páginas e sempre são descritos de forma pejorativa, como lugares insalubres e de baderna. No cenário de construção da modernidade republicana, cabia aos jornais o papel de unificar discursos, fazendo eco aos desejos de inserção do país numa nova atmosfera.

A imagem do poder público estava sempre presente nesses textos, difundindo uma eficiência, pois fazer-se compreender era fundamental para os grupos dominantes. E, para isso, não bastava a imposição de normas, era preciso unificar os discursos. E a imprensa cumprirá esse papel através dos homens de letras: o jornalista, o repórter, o literato (BARBOSA, 1997, p. 90).

Antes de analisar como os cortiços eram retratados, cabe ressaltar que os jornais atuam como agentes históricos, construindo suas narrativas como produção de memória de uma época. Assim, dialogando com o passado, presente e futuro, os jornais documentam a realidade, perpetuando signos memoráveis no imaginário popular. Entretanto, para fins de pesquisa, a análise da intencionalidade e subjetividade de qualquer documento é crucial (CRUZ; PEIXOTO, 2007). É a partir dessa perspectiva que a representação dos cortiços na mídia será investigada.

A construção da memória torna-se ainda mais contundente quando se trata da comunicação escrita, uma vez que codifica o acontecimento do presente para o futuro. Esta talvez seja a tradicional esfera de ação do historiador, as memórias e outros ‘relatos’ escritos (outro termo relacionado a lembrar, *ricordare* em italiano). Precisamos é claro, nos lembrar de que esses relatos não são atos inocentes da memória, mas tentativas de convencer, formar a memória de outrem (PAULA, 2019, p. 2).

Ao realizarmos inicialmente a pesquisa quantitativa nos periódicos, observamos, de imediato, a escassez de citações da palavra cortiço. A *Gazeta de Notícias*, em suas 365 edições anuais, o que perfaz 1.094 edições nos três anos analisados (em 1905 foram 364 edições), contabilizou 10 inserções da palavra. Nesse sentido, concluímos que a segregação

desses espaços – e, conseqüentemente, de seus habitantes – se dá, também, pela invisibilização.⁸

Tabela 1: Menções do termo “cortiço” no jornal Gazeta de Notícias (1903-1905).

Gazeta de Notícias: 10 menções em três anos		
Ano	Total de edições publicadas	Menções do termo “cortiço”
1903	365	0
1904	365	3
1905	364	7

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.

No caso do *Correio da Manhã*, observamos um pequeno aumento, se comparado com a *Gazeta*: em três anos houve 19 menções.

Tabela 2: Menções do termo “cortiço” no jornal Correio da Manhã (1903-1905).

Correio da Manhã: 19 menções em três anos		
Ano	Total de edições publicadas	Menções do termo “cortiço”
1903	364	3
1904	336	6
1905	364	10

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.

No *Jornal do Brasil*, entretanto, observamos um expressivo aumento nas referências, se comparado com os dois periódicos: em três anos, houve 40 ocorrências.

Tabela 3: Menções do termo “cortiço” no Jornal do Brasil (1903-1905).

Jornal do Brasil: 40 menções em três anos		
Ano	Total de edições publicadas	Menções do termo “cortiço”
1903	413	26
1904	366	7
1905	365	7

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.

Ainda que nos três periódicos haja uma pequena ocorrência da palavra, indicando que esses espaços não eram noticiáveis, há diferença entre a incidência no que diz respeito à *Gazeta de Notícias* e o *Correio da Manhã*, de um lado, e do outro, o *Jornal do Brasil*. Neste

⁸ É preciso pontuar, no entanto, as limitações da ferramenta de busca da Hemeroteca Digital Brasileira, onde desenvolvemos a pesquisa, que, dependendo das condições em que se encontram as edições dos jornais, o termo pesquisado pode não ser localizado.

último periódico, que era o de maior circulação entre os grupos populares nesse período, o cortiço foi mencionado 23 vezes no ano de 1903, exatamente no momento em que ocorrem as maiores remoções dessas habitações por conta das reformas urbanas.

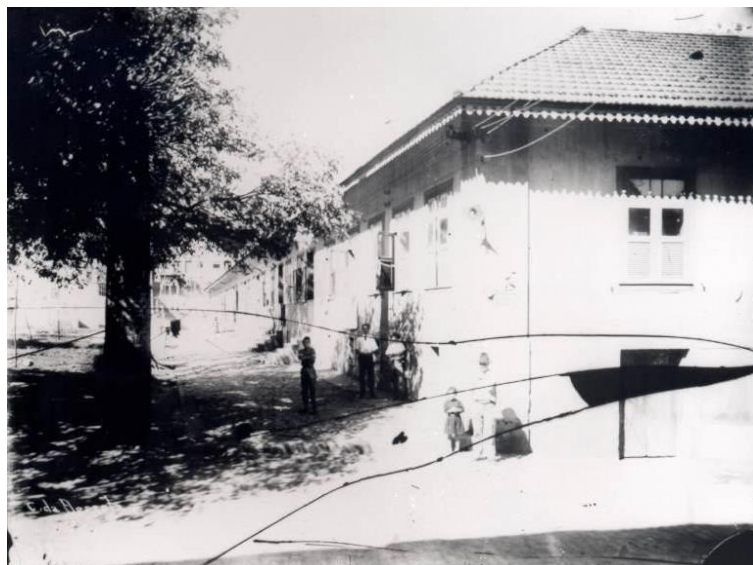
Desse modo, é nítido que a exclusão à qual essa população foi submetida ultrapassou o campo social e econômico, refletindo-se também no campo comunicacional-midiático, o qual corroborou para a perpetuação dessa marginalização. A produção cultural desses espaços e o cotidiano dos cortiços não foi noticiado. Apesar de integrar a cidade, a vida dessa população nunca foi de interesse dos jornais, a não ser quando chamava atenção pela violência, desordem e insalubridade. Na mesma perspectiva, a sub-representação histórica dos negros, parte expressiva dos habitantes dos cortiços, contribuiu para o seu apagamento na construção da identidade brasileira. Ocupando majoritariamente casas de cômodos, estalagens e cortiços, os negros, vivendo sob a herança da escravidão, não tiveram a opção de fugir desse espaço de invisibilidade.

Figura 1: Barracão de madeira componente de estalagem localizada na rua da Sé, no Rio de Janeiro, 27 mar. 1906.



Fonte: Foto de Augusto Malta, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Figura 2: Fachada do cortiço Chácara da Floresta, na rua da Ajuda, no Rio de Janeiro.



Fonte: Foto de Augusto Malta, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

É, portanto, a partir da análise dos impressos, que encontramos três eixos principais de representação dos cortiços: local de crimes violentos, baderna e insalubridade. Apesar dos três jornais analisados apresentarem diferentes linhas editoriais,⁹ esse padrão de cobertura é comum entre eles. Para observar o primeiro tópico, um local de crimes violentos, destacamos os trechos:

[...] na estalagem da rua do Rezende n. 22, foi consequencia um ferimento no olho esquerdo de Henriqueta Gomes, moradora da casinha n. 9. A outra parte litigante foi sua vizinha, a crioula Ignez, que a espancou a páo, fazendo-lhe o já mencionado ferimento (*Gazeta de Notícias*, 27 nov. 1905, p. 2).

Antonio Lourenço Cabral Junior, carpinteiro, residente na estalagem n. 29 da ladeira de Santa Thereza, por motivos de quasi nenhuma importancia, armou-se hontem à noite, de reforçado cacete e espancou a valer Maria da Conceição, residente também em um mesmo cortiço (*Correio da Manhã*, 7 jun. 1905, p. 2).

O menino Paulino, de dous annos de idade, filho do preto Egydio Francisco, morador em um cortiço da rua barão de Ladario, S. Paulo, achava-se brincando no quintal quando uma pessoa da casa, não o vendo, jogou uma panella de água fervendo que o alcançou, queimando-o horriavelmente. A infeliz criança, não sendo tratada com o devido cuidado, veiu a fallecer de tetano (*Jornal do Brasil*, 26 mar. 1903, p. 2).

Nessa perspectiva, quando esse tipo de notícia é relacionado à escassez de abordagens midiáticas positivas acerca do cortiço, é nítido que o retrato construído e propagado da população que o habita é, majoritariamente, de pessoas violentas, perigosas e infelizes. O

⁹ Sobre as linhas editoriais de cada jornal, ver SODRÉ, 1999.

discurso jurídico disseminado na época passa a servir de respaldo para um discurso discriminatório.

Em outro viés, a partir do periódico *Jornal do Brasil*, pode-se perceber na seção “Queixas do Povo” a reprodução de um discurso igualmente discriminatório por parte dos “cidadãos”,¹⁰ que reprovavam a presença de cortiços em um bairro de elite, como Copacabana, e alegavam a falta de higiene como fator que justificava tal reprovação (*Jornal do Brasil*, 18 mar. 1905, p. 4). Apesar de representar a conexão entre sociedade e poder público, não identificamos nessa seção reclamações feitas por moradores de cortiços ou pessoas de baixa renda. Resta-nos a reflexão: qual povo esse jornal “popular” representava? Obedecendo à mesma lógica de segregação, *A Gazeta de Notícias* também apresenta a seção “A voz do povo”, em que a abordagem se dá de forma muito similar à do *Jornal do Brasil*.

Fica evidente, portanto, a recorrência de representações do cortiço como um local insalubre, fator ainda mais pungente quando analisado em adição aos discursos médicos higienistas amplamente repercutidos naquele período. Por conta do recente enfrentamento de epidemias na cidade do Rio de Janeiro, em meados de 1900, os cortiços eram propagados como potencial foco de doenças e, também por isso, era defendido que fossem extintos. Cabe destacar que a insalubridade desses locais é resultado de desamparo estatal, que se perpetua no decorrer dos anos, permanecendo na longa duração as precariedades dessas habitações.

Cortiço da rua General Caldwell. Numa área estreita, quartos em fila, baixos, encostados ao muro, cobertos de telha escura, com o soalho de taboas podres, separadas, assentado na terra. Na frente a cama. No fundo, em um escaninho, um fogoreiro. Um odor de molestia enchendo o espaço reduzidíssimo do domicílio-tumba. [...] Em um dos quartos, uma mulher magra, de tez amarela, amollecida, e olhos sonhadores, indiferentes, tosse e escarra. Duas crianças, quasi núas, filam, sorrindo, o comissário, e encolhem os hombrinhos debaixo da cabeça enorme, com cabellos ruços pelo sol. Uma dellas tosse tambem. A outra é barriguda, tem as pernas finas e os joelhos nodosos (*Gazeta de Notícias*, 14 dez. 1900, p. 2).

os moradores das casas vizinhas á de n. 55 da rua Marquez de Abrantes pedem a atenção das autoridades incumbidas da hygiene desse local para o estado de lamentável desleixo em que se acha aquele predio transformado em immundo cortiço, habitado por individuos que promovem constantes disturbios (*Jornal do Brasil*, 17 jun. 1903, p. 3).

Além do aspecto higienista, outro destaque é a imoralidade, cuja recorrência chama atenção. O espaço do cortiço é tido como um local de baderna, como é visível na citação

¹⁰ Ainda que oficialmente os moradores do cortiço também fossem cidadãos, uma vez que em 1903 o voto já era universalizado, o jornal não consultava essa parcela da população para prestar queixas. “Queixas do povo” não contava com a participação do povo que era segregado.

acima, em que seus habitantes são acusados de promoverem “constantes distúrbios”. Principalmente em seções como “A voz do povo” e “Queixas do povo”, reclamações acerca do comportamento desses habitantes são notórias, uma vez que parte da sociedade carioca repugnava o estilo de vida que levavam, a partir de um olhar imbuído de preconceitos. Essa percepção, entretanto, era reproduzida também por colunistas, o que é explicitado pela seguinte menção, em que se reforça a ideia que costumava ser propagada sobre os cortiços: “[...] atendendo ao chamamento dessa relíquia política, que nos pintam como um enorme cortiço onde a moral está abaixo da imundice notada por todos os cantos. (*Correio da Manhã*, 12 jul. 1904, p. 1).

Retomando o papel da imprensa como elemento construtor de memórias, cabe analisar a manutenção da visão estigmatizada em relação a esses habitantes, principalmente em relação aos negros, que se arrasta até a atualidade. A mídia faz desse grupo alvo de visão discriminatória, prática percebida no começo do século XX, a partir dos periódicos analisados, o que nos faz pensar sobre as permanências desse racismo ainda tão latente no país de hoje.

Por outro lado, para os entrevistados, os afro-descendentes são constantemente associados nos meios de comunicação a imagens negativas, como pobreza, violência, criminalidade, favela, sujeira, ignorância, analfabetismo, feiúra e infelicidade. Estas narrativas, em especial, estão impregnadas de mágoas e ressentimentos. Além disso, ressalta-se que estas imagens emergiram 24 vezes nos discursos dos entrevistados. Dessa forma, este elemento parece ser bastante significativo para os entrevistados. (ACEVEDO; NOHARA, 2008, p. 133).

O impacto negativo dessas representações na consolidação do imaginário popular é muito evidente e atravessa a história. Isso consolida a reflexão de não ser possível negligenciar o debate racial, que é resultado de uma questão estrutural central no país.

Lugares de baderna ou apenas lugares de pobres?

Conforme os veículos de imprensa noticiavam, muitas vezes os cortiços de fato eram espaços de crimes e de proliferação de doenças. Mas é preciso rever a interpretação que desenvolvemos a partir desses episódios. Com a reforma urbana, instaurou-se verdadeira guerra entre o poder público, apoiado pela elite da época, e os moradores de cortiços. Todos os cortiços foram destruídos, e seus moradores expulsos do centro das cidades (CASTRO, 2010). As habitações populares eram submetidas às más condições e também aos julgamentos

por conta do esquecimento de uma sociedade elitista, e não por abrigarem pessoas tidas como desviantes.

A falha de não conseguir fazer com que exista um Estado social cria a necessidade para o sustento do capitalismo de um Estado penal mais atuante, já que as não garantias do mercado não são supridas pelo Estado, faz-se a necessidade de controlar essa população sem direitos e sem garantias, punindo-as e tratando-as como desviantes para que fiquem longe da “população de bem” e não ofereçam riscos. Assim, o Estado livra-se de qualquer responsabilidade econômica e a sociedade justifica a pobreza como merecimento e falta de caráter (CASTRO, 2010, p. 41).

Os jornais se tornam difusores de ideologias, principalmente daquelas de quem tem poder econômico (CASTRO, 2010). Observamos que é predominante nas descrições dos periódicos um teor pejorativo e discriminatório em relação aos cortiços. O trecho abaixo do *Jornal do Brasil* é exemplo disso. Por vezes, um simples adjetivo ou uma frase podem parecer elementos verbais de pouca importância, mas somados ao todo contribuem para a perpetuação de preconceitos contra a população de baixa renda que vive em habitações populares.

Reaberta, pede a palavra o sr. Arthur Coelho Sobrinho, que faz um rápido histórico do que foi a instituição que dirige, encontrando-a liquidada, funcionando em um prédio de tal modo acanhado que mais parecia um pardieiro e ainda assim, transformado em verdadeiro cortiço, porque todas as suas dependências achavam-se alugadas até a pessoas de seriedade duvidosa (*Jornal do Brasil*, 5 jan. 1904, p. 3).

O fragmento do *Jornal do Brasil* faz parte de um texto que relatava uma reunião feita por associados da Caixa Telegraphica com o objetivo de formar uma chapa para decidir qual seria a futura administração da instituição. Ao longo da publicação, percebemos que a cobertura desse episódio não é objetiva, como lemos em jornais do século XXI, e se utiliza de muitos adjetivos para descrever a ocasião. Muitas vezes, isso faz com que a escrita enverede pelo caminho da opinião. Essa prática torna-se problemática quando reproduz preconceitos e coloca em circulação, por meio de suas narrativas, comportamentos hostis a determinados grupos. No caso do *Jornal do Brasil*, reproduz-se que os cortiços são “bagunçados” e ocupados por “pessoas de seriedade duvidosa”. Isso contribui para reforçar ideias discriminatórias sobre essas pessoas, que são carentes justamente de assistência social por parte do Estado. Os cortiços não eram lugares de baderna ou de adultos indecentes, mas de pobres, de pessoas marginalizadas por uma sociedade historicamente desigual, com estruturas de influência e poder que têm interesse na manutenção dessas condições.

Depois da abolição foi a vez dos cortiços, que geralmente eram locais insalubres e apertados, mas que estavam localizados nos centros das grandes cidades. Como já foi estudado, este não era o local ideal para o pobre, não pelas péssimas condições de moradia, mas por se situar muito perto das elites e da vida social destas (CASTRO, 2010, p. 49).

Considerações finais

Nossa pesquisa não questiona a veracidade das notícias propagadas em relação ao cortiço. É necessário, no entanto, refletir sobre as intenções do Estado em isolar a população pobre dos grandes centros, na direção de desconstruir as justificativas que eram dadas então. A insalubridade, criminalidade e desordem eram, de fato, elementos presentes nas antigas habitações populares. Para além disso, entretanto, havia uma urgência em demarcar o espaço de acordo com as classes. Na atualidade, isso se manifesta por meio da especulação imobiliária, o que empurra a população mais pobre para as regiões periféricas das grandes cidades. Desse modo, pôde ser identificado o interesse da sociedade carioca do começo do século XX na demolição dos cortiços e na expulsão de seus habitantes dos grandes centros, corroborando a ideia de Giorgetti (2007 apud CASTRO, 2010, p. 51): “O poder público não age sem o consentimento da sociedade, por mais radical que seja a medida adotada, há sempre um setor da sociedade que a apoia”.

Nessa linha de raciocínio, devemos destacar a atuação da mídia impressa nesse processo que, além de reproduzir uma visão discriminatória hegemônica daquela sociedade, contribuiu para a perpetuação dessa visão no imaginário popular. Esse movimento foi percebido nas caracterizações dos cortiços e de seus habitantes, seja por parte de colunistas dos periódicos, ou por parte do povo, nas seções destinadas às reclamações, por exemplo. O fato da população pobre, que residia nessas habitações coletivas, não aparecer com suas queixas nessas seções também explicita a exclusão à qual eram submetidos por esses grandes jornais. A predominância das menções de “cortiço”, relacionadas a questões jurídicas ou higienistas, constitui ainda uma forma de construção de imagem, baseada na ideia desses lugares como palco de tragédias e/ou doenças. Percebemos a atuação segregadora da mídia, invisibilizando os cortiços e seus habitantes ao não incluí-los nas suas edições, ao não representá-los como integrantes da cidade, agentes culturais ou simplesmente cidadãos.

Isso nos faz pensar nos impactos gerados por essa representação midiática pejorativa. Esse retrato, construído e propagado sobre os cortiços, abrange muito mais do que a visão

sobre um determinado local. A escolha desse *locus* é eivada de signos, sobretudo se levarmos em conta que seus habitantes constituíam a população mais marginalizada do Rio de Janeiro, formada principalmente por negros, pobres e/ou imigrantes: “A ação do Estado teve pleno apoio da mídia e da população que habitava as cidades, a derrubada dos cortiços era uma forma de limpar a cidade das doenças e dos vícios que a população pobre transmitia” (CASTRO, 2010, p. 44). No decorrer dos anos, essa população migrou para as favelas, permanecendo, em peso, nas classes mais baixas da sociedade. Na atualidade, ainda carrega os estereótipos fartamente reproduzidos pela imprensa no começo do século XX, como pudemos apresentar nesta pesquisa.

Referências

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. Interpretações sobre os retratos dos afrodescendentes na mídia de massa. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. spe, p. 119-146, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/f8JSv8k3vZrjBVpsZn78n9M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2021.

AZEVEDO, Aluísio de. **O cortiço**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1890.

BARBOSA, Marialva. **Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)**. 1996. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1996.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil - 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CASTRO, Clara Alencar. **Criminalização da pobreza: mídia e propagação de uma ideologia higienista de proteção social aos pobres**. 2010. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 7 jun. 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. Jornal do Brasil (verbete). In: ABREU, Alzira Alves de et. al. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>. Acesso: 14 jan. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

MATTOS, Romulo Costa. As “classes perigosas” habitam as favelas: um passeio pela crônica policial no período das reformas urbanas. **Desigualdade & Diversidade**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 149-170, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=80&sid=13>. Acesso em: 7 jun. 2021.

MOTTA, Marly Silva da. O bota-abaixo (verbeta) In: ABREU, Alzira Alves de et. al. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015.

PAULA, Richard Negreiros de. Semente de Favela: jornalistas e o espaço urbano da Capital Federal nos primeiros anos da República – o caso do Cabeça de Porco. **Revista Cantareira**, n. 3, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27786>. Acesso em: 3 jun. 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Edições de jornais citadas:

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 2, 26 mar. 1903.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 2, 14 dez. 1900.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 2, 27 nov. 1905.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 2, 26 mar. 1903.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 3, 17 jun. 1903.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 3, 5 jan. 1904.